

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 9 DE JANEIRO DE 1886
DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 54.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	V. MAGALHÃES.
Historia dos sete dias.....	
O nosso 1º anniversario..	
Victor Manoel.....	
Decepções.....	C. DE AZEVEDO.
Lendo a Ilyada.....	O. BILAC.
Bolos.....	C. FERREIRA.
«A Encyclopédia das Encyclopedias».....	
Contos a premio.....	
O retardatario.....	Concurrente n.º 9
Vantagens dos assignantes d'A Semana.....	
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Tratos á bola.....	FR. ANTONIO.
Factos e noticias.....	
Correio.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Somente com o proximo numero poderemos distribuir aos Srs. assignantes do anno passado o indice alfabético das materias contidas no primeiro volume d'A Semana e a folha de frontispicio que haviamos prometido para o numero de hoje.

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A Semana por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A Semana, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A Semana por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPOS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignaram A Semana por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettemos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

Leiam-se em outro lugar desta folha as «Vantagens dos assignantes d'A Semana.»

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Somente em principios de fevereiro poderá ficar concluida a impressão da obra VINTE CONTOS, original do director d'esta folha, e por ella destinada aos seus assignantes de anno. A todos que tenham pago a sua assignatura,—mas somente a esses— será enviada a obra, a seu tempo, pelo correio, ou entregue no escriptorio a quem exhibir o respectivo recibo.

Roga-se a remessa de um sello de 200 reis. ou da sua importancia, para o porte.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Começa o novo anno a discorrer pacato e semsaborão.

Oxalá não represente esta paz varsoviana os pés de lan com que o fedelho intende preparar-nos desagradaveis surpresas.

Antes a chultra chochice dos dias monotonos, vãos, sem novidades nem espectativas febris, do que a agitação e o ruído produzidos por escandalos e desgraças. Sacrifique-se a desejavel animação das chronicas e o gaudio dos chronicistas em fome de assumpto á tranquillidade publica e á felicidade particular.

Aqui estou eu, o ultimo dos historiadores semanaes, a dar o grande exemplo da resignação e do desprendimento heroico de possiveis laureis.

Faça eu dormir embora os meus leitores—se algum ainda resta em vigilia—com a taboa rasa da minha prosa historiographica; mas que não rúa sobre a população incanta o edificio de chocolate da Camara Municipal ou nova avalanche de candidatos verborrhagicos, delirantes de patrio amor; nem tampouco encareçam novamente os repolhos e as aboboras ou se multipliquem... as sogras. Antes isso!

Passei em revista as sete magras espigas da semana finda e nellas só encontrei—além da remessa do *Almirante Barroso* para o Norte, com tropas armadas e fins occultos, eleitoraes ao que parece,—ocurrencias de rua, «barbeiradas policiaes», muitas, muitissimas capoeirices; alguns obitos lamentaveis, alguns avisos do Sr. ministro do imperio para louvar, dois ou tres disparates de boa marca e... mais nada.

Não, esquecia-me um facto, pequenino mas grandemente caracteristico. Foi este:—O projecto *Pachiderme do Comercio*, noticiando hontem o fallecimento do Barão de Coromandel, depois de haver referido alguns dos mais nobres actos da vida do illustre finado, escreveu: «A elle coube a honra de hospedar Suas Magestades Imperiaes na sua visita á provincia de Minas Geraes.» E' o cumulo da bajulação ao throno! O Sr. barão de Coromandel, entre e sobre todos os seus actos de magnanimidade e heroismo, praticou este: hospedou Suas Magestades Imperiaes! Que grande, que extraordinario, que sancto homem! Posteridade—abyssma-te!

Vemos com grande prazer agitar-se na imprensa a abandonada e importantissima questão da «Propriedade litteraria». Foi a *Gazeta de Noticias* quem a levantou, escrevendo no dia 7 um artigo sobre esse assumpto, artigo muito criterioso e bem pensado.

Deu-lhe oportunidade a recusa por parte do governo brasileiro de se fazer representar nos congressos litterarios realisados na Europa, e ultimamente no de Amsterdam.

Essa recusa—é geralmente sabido—tem sido pertinazmente opposta pelo

Imperador que não quer nenhum accordo entre o seu e os paizes estrangeiros sobre direitos internacionaes de propriedade litteraria.

O Imperador não quer: está tudo acabado. Escusado é discutir a imprensa o assumpto, desentranhando-se em arrazoados eloquentes e em demonstrações logicas, para o fim de conseguir que o Brazil perca um pouco a lisonjeira fama de mendigo—ladrão que, em cousas litterarias, gosa na Europa e em todo o mundo onde tenha a honra de ser conhecido.

Ah! o Imperador não quer? Pois não se fala mais nisso.

E' esta a razão maxima que nos faz não entrar no debate, com o modesto mas valente regimento dos nossos raciocinios e com o fervor das nossas aspirações. Seria gastar inutilmente munições, tempo e trabalho; visto que nem um instante alimentamos a vaidosa esperança de levar ao Imperador a nossa convicção, desagarrando-o do lamentavel proposito em que se acirra.

Todavia, fazendo nossas as palavras da *Gazeta*, dizemos:

« Sem esperança de ver mudada a questão para terreno mais racional, é nosso dever, comtudo, voltar á carga todas as vezes que somos humilhados no estrangeiro, e nos fazem passar como barbaros, muitas vezes, é verdade, sem razão alguma, mas em ontras, como no caso presente, com sobejos motivos. »

E' por isso que levantamos o nosso protesto, registrando com elle um brado de dô e de indignação por vermos que é exactamente do nosso « primeiro homem de letras » (é a opinião da Europa, ao que se tem visto), d'aquelle que por essas *Estranjas* gosa da fulgente aurea de rei-sabio, de rei-poeta, de Luiz XIV cá dos *Brazis*, que é d'elle que parte a encampação da pirataria litteraria, a opposição formal e ferrenha a que o Brazil deixe de fazer no Estrangeiro o papel miseravel de esfarrapado comparsa, de infimo trapeiro litterario.

O *Paiz*, entre criteriosos assertos, escreveu:

« Será difficil, será talvez impossivel reduzir o formidavel — Não — que se acastella lá nas soberanas alturas. Mas o dever e o patriotismo da imprensa não se devem apavorar e nem desanimar, quaesquer que sejam os seus adversarios. »

Por nossa parte não nos apavoramos nem desanimamos. Contem conosco, pequeninos e fracos como somos, os nossos illustrados collegas. Sempre nos encontrarão na estacada; ao menos, para entoar agradecidas e unctuosas lóas ao nosso Imperador pelos esforços desesperados e incessantes que continuamente emprega para exaltar a Litteratura e a Arte brazileiras na Europa. Esta, no emtanto, que continue a repetir, como disse o *Paiz*:

« E' indigno de comprar e vender livros o paiz que vende e compra homens. »

Ora adeus! Que o repita a Europa; o que ella tem—é inveja!

VALENTIM MAGALHÃES.

O nosso primeiro anniversario

No dia 3 do corrente teve logar no escriptorio d'esta folha uma pequena festa commemorativa do seu primeiro anniversario.

Festa intima e modestissima, dispensou convites. Tiveram, no emtanto, a amabilidade de nos vir felicitar os Srs. Quintino Bocayuva, Pereira da

Silva e Urbano Duarte, nosso estimado collaborador, representando o *Paiz*; Ernesto Senna e Arthur Azevedo—o *Diario de Noticias*; Alfredo Gonçalves—o *Gazeta de Noticias*; Luiz Murat, tambem nosso collaborador—o *Gazeta da Tarde*; os Srs. Machado de Assis, Henrique Chaves, S. Sebrão e Pereira Netto este em nome do *Mequetrefe*), enviaram-nos cartões de comprimento.

Estiveram presentes, além d'esses, os Srs. Dr. Lucio de Mendonça, Aluizio Azevedo, Belmiro de Almeida, Paula Ney, Figueiredo Coimbra Ulysses Cabral, Cordovil, Dias de Mello, Silva, (*Gazeta de Noticias*), Léo d'Affonseca (*Diario Mercantil*) Fontoura Xavier, Luiz Braga, Dr. Lutterbach, e ainda outras pessoas cujos nomes nos escapam.

Toda a gente de casa estava a postos, fazendo como lhe era possivel as honras d'ella.

Durante o lanche trocaram-se muitos brindes amistosos e entusiasticos, sendo saudadas esta folha e por ella todos os collegas presentes.

Paula Ney fez um eloquente e sentido discurso, saúdando *Timtim*, o filhinho do director d'esta folha a cuja festa viéra tambem assistir.

A todos os collegas e ás mais pessoas que naquelle dia, festivo nos honraram com a sua visita mais uma vez agradecemos lenhoradissimos, tantas e tão altas provas de sympathia e distincção.

Continuaremos no proximo numero a transcrever as noticias dadas pelos collegas acerca do primeiro anniversario d'esta folha e da pequena festa com que o celebrámos.

VICTOR MANOEL

Completam-se hoje oito annos que falleceu *il rè-galantuomo*, o unificador da Italia, o amigo de Garibaldi. A' sua memoria gloriosa e veneranda prestamos, com quantos conhecem a historia do grande rei-cidadão, a homenagem do nosso respeito e da nossa sympathia.

DECEPÇÕES

Nenhuma promessa de ventura publica deve trazer o novo anno.

Não desaparecem tão depressa as grandes mazellas do governo de um povo, e o anno transacto, bem se poderia nomear um martyrologio da honra nacional.

Novas decepções antevejo, e vem de molde a descrença, pois os levitas que nos tem governado, desde o supremo chefe do synhedrio ao menor dos officiantes, provaram ineptia e cobriram-se de crimes e ridiculos.

E' impossivel lentejoular escriptos alviçareiros para entrada do anno, quando o espirito obedecendo á influencia necessaria, vela-se em tristuras, ao ver que a um passado de erros e mizerias hade unir-se futuro desconsolador.

Má temporada essa de transição, de um paiz envelhecido e arruinado, em vespas de ensaiar mellhor vida e mais honrado governo!

O escriptor politico ou vai pedir emprestada a deprimente malicia de Aristophanes, ou embruma-se em pensa-

mentos merencorios; ou lamenta, e com geito, para não accordar ironias, ou sahe em folia á ridicularisar em veia de luxuria homens e instituições.

Não dá bem o riso com a formal declaração de fallencia por parte do governo. E sem parecer atrevida a nova, reproduz o tristissimo acontecimento de poucos dias atraz:

Credores do estado mourejavam para obter pagamento do que representava o esforço, o dispendio de energia e talento de dinheiro e tempo de vida; a historia dessa divida encerrava a peripecia luttulenta do sacrificio de uma existencia, do desespero louco de um caracter puro, quando repentinamente surge á pondencia—solução inesperada e incrível.

Todo aquelle esforço de cobrança teimosa e esperta contrapondo-se ao desbrío, ás manhas do devedor relapso, quebrou-se de encontro á ordem do governo, correspondendo a uma declaração de fallencia.

Assim tivemos o spectaculo de vir o credor do paiz confessar ao mundo, que o governo impuzera-lhe o recebimento de menos de metade da divida, com a ameaça de renovar demanda e empecer o pagamento, se o indecoroso ajuste não fosse aceito.

Não se tracta de um boato formado de farrapos da malicia anonyma, houve um protesto assoalhado nos jornaes, e o reclamante historiou o acontecido promettendo documentos.

Em presença de um facto que indica um estado pathologico impossivel de ceder á vritude dos prophylaticos usados, não posso trazer esperanças de ventura, com a chegada do anno novo.

Quando o pão escassá, quando a miseria se aproxima, não ha folganças e risos.

E já que somos forçados a assistir ao enterro da horra da patria, á ruina de sua fortuna, vamos! bandeiras a meio páu:—calem-se as musicas.

CYRO DE AZEVEDO.

LENDO A ILLIADA

Eil-o o poeta de assombros—céu cortado
De relampagos—onde a alma potente
De Homero vive, e vive eternizado
O espantoso poder da argiva gente.

Arde Troy!... De rastos passa a tado
O hroe ao carro do rival, e ardente
Bate o sol sobre um mar illimitado
De capacetes e de sangue quente.

Mais que as armas, porém, mais que a batalha,
Mais que os incendios, brilha o amor que at'a
O odio e entre os povos a discordia espalha:

— Esse amor que ora activa, ora serena
A guerra, e o heroico Páris encadéa
Aos curvos seios da formosa Helena.

OLAVO BILAC.

BOLOS

(Continuado do n.º 53)

O segundo poncto é absolutamente falso. Para se fazer em publico uma tal affirmação é necessario ignorar-se completamente o que se escreve no Brazil, ou levar a mentira até á impudencia.

Se ha escriptor, se ha poeta brazilei-

ro que tenha sido louvado, elogiado, thuriferado e glorificado neste paiz, esse poeta é o Sr. Luiz Guimarães. Quando elle aqui está, quando elle aqui chega ou quando elle d'aqui parte, toda a imprensa se estende como um enorme tapete para que s. s. passe.

A sua posição diplomatica dá-lhe em prestigio litterario o que aos outros collegas seus da diplomacia dá em walsas. Elle é o poeta aristocratico, perfumado, sentimental e ideal, que leva sempre atraz si, como um pelotão garrido e vermelho, uma enorme restea de corações feridos pelo darlo assucarado dos seus versos. E eis-o que passa ovan-te, enramala a fronte em loiros virentes e immarcessiveis, sempre atufado em nuvens de incenso, como um archanjo bemdicto e benquistado, entre as palmas ruidosas do jornalismo nacional, e entre o «hosana!» entusiastico e concertado das familias fluminenses.

Nunca, que o saibamos, a sua delicada e alvissima epiderme litteraria foi, siquer, arranhada por alguma penna rebelde aos hymnos, ou avessa ao concertante dos elogios.

É certo que o Sr. Luiz Guimarães merece muito, mas tambem é certo que tem tido tudo.

Vir dizer, pois, que não se fala absolutamente do illustre poeta e que, quando se fala é para se lançar um borrão sobre a sua gloria, é uma falsidade somente digna de quem se não presa nem respeita o seu nome.

O terceiro poncto vem com as phrases estafadissimas e saudias:—*colteries*—templosinhos litterarios e *gremio de elogio mutuo*.

Sancto Deus! Pois ainda ha neste paiz um pedaço d'asno sufficientemente ingenuo e tapado para escrever semelhantes disparates?

Ainda ha, e, d'esta vez, infelizmente, não é um pedaço d'asno quem o vem dizer—é o Sr. Salamonde, que tem talento!

Pois para vir dizer parvoices de tal jaez dispensava-se muito bem o *fogo sagrado*; qualquer desses idiotas que por ahí boquejam litteratura barata é muito capaz de dizer o mesmo... e dil-o.

Entretanto, se se quizesse declarar os motivos que levam esses sujeitos a atacarem o *templosinho litterario*, muita gente teria de corar.

O Sr. Salamonde sabe, melhor do que ninguém, que para entrar para os taes *gremios do elogio mutuo* o que principalmente se requer — é caracter. Quem o não tiver pôde entrar por engano, mas não se demora...

Parte do quarto poncto (*imposição de um deus etc.*) já ficou commentada.

E a tal *frieza litteraria de recepção* foi a que se vio. As folhas noticiaram com os mais escovados e brunidos adjectivos a chegada do Sr. Luiz Guimarães. Fazendo, como fazemos, justiça ao bom gosto do festejado poeta, acreditamos que elle ainda hoje nada em jubilo por ninguem lhe haver recitado sonetos nem oitavas congratulatorias pela sua feliz chegada, e por não ter visto em rechinos de foguetes a arrebenção do enthusiasmo patrio.

A *docilidade das turbas sacudidas do seu torpor somnambulo pela imposição de um deus*, tambem foi a que se vio, ainda ha pouco tempo, na *Semana*: o deus imposto, com ser deus, teve 74 votos para o logar eterno de maior poeta do Brazil, e Gonçalves Dias, simples mortal não imposto, teve 146.

Está provado, pois, que as turbas não

são tão doces como pensa o Sr. Salamonde, a menos que S. S. não acredite que as turbas entrassem na votação.

Agora outra cousa.

Ha por ahí uns tantos jovens, em cujo numero podemos incluir agora o Sr. Salamonde, que de vez em quando se arremangam e vem a publico vociferar contra a *nova geração*. Não consta, entretanto, que elles pertençam à *geração velha*. E, se quizermos ser inteiramente francos, havemos de confessar que a velha geração está no seu periodo de mansuetude e de quietismo, e já não vem a campo degladiar-se pelos seus idolos, se é que os tem. Os escriptores do periodo inicial do romantismo e do lyrismo brasileiro, os que ainda vivem e que têm mercimento, ou que o tiveram no tempo da sua actividade, são ainda louvados e respeitados pelos moços; a prova mais eloquente que d'esse facto se pode offerrecer é a propria *imposição* do Deus que tanto irrita o Sr. Salamonde e outros transeuntes constantes e indefectivos da rua do Ouvidor, mesm dentro da zona tão habilmente demarcada no estylo mata-ratos do panegyrista de Luiz Guimarães.

Com a ligeira analyse que fizemos dos *Sonetos e Rimas*, foi nosso intuito provar apenas que o Sr. Luiz Guimarães não é—o mais parnasiano de todos os lyricos brasileiros, como afirma o Sr. Salamonde. Isto ficou provado, cremol-o.

Temos pelo notavel poeta sincera admiração e grande respeito, e, como dissemos no principio deste artigo, achamos que elle occupa um logar entre os melhores poetas brasileiros da actualidade. É uma questão de classificação e nada mais.

O Sr. Luiz Guimarães nada perde com o não ser *parnasiano*, como nós nada ganharíamos em o negar, se elle o fosse. Poeta lyrico de primeira ordem; metrificador correcto embora pouco variado, sentimental, cheio de docuras e louçanias; alma sensível e accessivel a todos os bons sentimentos, vibrante e apaixonada; talento variado e fecundo; espirito sempre voltado para o bem; um tanto magoado pela dor e pela saudade, — o Sr. Luiz Guimarães pode ser apontado entre os mais distinctos escriptores brasileiros do seu tempo, sem precisar do rotulo posticho de *parnasiano*, nem de panegyristas que arranquem a dos outros os raios para a sua gloria, nem de titulos illegitimos que nada acrescentam á radiação intensa do seu nome.

Notaremos ainda ao Sr. Salamonde o seguinte facto, para terminar:

Cumprimos o nosso dever, noticiando, conforme então nol-o permittiu o espaço de que dispunha-mos no primeiro numero do nosso segundo anno, a chegada do Sr. Luiz Guimarães.

Pois bem. O Sr. Luiz Guimarães teve para com os nossos collegas diarios, todos mais ou menos mercantis, a gentileza de os ir visitar, ou de lhes enviar o seu bilhete de visita, — e para conosco — unico jornal litterario da capital — o Sr. Luiz Guimarães procedeu de modo inteiramente inverso, ou fosse porque se lhe acabassem os bilheses, ou fosse porque S. S. já se fatigara em visitar os outros.

Diga-nos agora o Sr. Salamonde qual de nós é mais gentil e qual parece o diplomata habituado a todos os requintes da cortezia e da delicadeza.

CHICO FÉRULA.

A Encyclopedia das Encyclopedias

Recebemos o n. 85 desta importantissima publicação. O «Diccionario Universal Portuguez» é uma obra colossal, que, concluida, constituirá um dos maiores commettimentos litterarios d'este seculo, immortalizando o nome do seu fundador e director, o Sr. commendador Henrique Zeferino de Albuquerque, operosissimo edictor e livreiro portuguez. Somente extraordinario poder de vontade e excepcional amor ao trabalho, posto ao serviço de uma intelligencia robusta, perspicua e pratica poderiam apprehender e levar por diante obra de tão gigantesco folego e de tão numerosas e rijas dificuldades. O Sr. Albuquerque, é, sem duvida, digno de igual admiração — senão de maior á que merece Larousse, pois que a sua obra, sendo mais completa, mais vasta, e trabalhada em um meio muito mais ingrato do que o meio em que o foi a de Larousse — representa muito maior somma de esforços e de sacrificios de toda sorte.

O n. 85, de que damos noticia, trata das letras B e M simultaneamente, sendo que completa o primeiro tomo d'esta ultima.

Nella occupa-se com o director d'esta folha em um longo e minucioso artigo de critica e biographia, artigo devido á penna do director do «Diccionario Universal Portuguez» o illustre escriptor Fernandes Costa, segundo sabemos por communicação do proprio edictor.

Das obras do director d'esta folha a que mais mereceu a attenção e o estudo do abalizado critico foi *A vida de seu Juca*, parodia á *Morte de D. João*, executada com a collaboração de Henrique de Magalhães.

Na impossibilidade de para aqui trasladar tudo quanto escreveu sobre ella Fernandes Costa, fazemol-o quanto a uma parte d'esse estudo.

«Esta composição, sem ser um trabalho litterario de primeira ordem, é, contudo, uma obra de relevante mercimento, principalmente nos pormenores descriptivos, na belleza de alguns trechos, no humorismo de muitos conceitos e na despreocupação e modo desafectado com que toda ella é conduzida. É uma produção poetica de dous rapazes de talento, na qual muitas vezes revelam aptidões litterarias nada inferiores ás do auctor cuja obra se lembraram de parodiar.»

CONTOS A PREMIO

(Vide *Semana* n. 47)

Chega-nos um novo concorrente. Assigna-se:—O *concorrente n. 0*. No conto que nos remetteu (*O retardatario*) conseguiu aproveitar com excepcional felicidade para assumpto todos os seis prolóquios offercidos por esta folha. Tão interessante nos pareceu esse conto que resolvemos publical-o. Nenhum inconveniente poderá advir d'esse facto ao concurso, por que o auctor occultou seu nome sob impenetravel pseudonymo, e nós,—nem que nos rachem?—seremos capazes de trahir o incognito de quem escreveu—O *retardatario*.

O RETARDATARIO

1

Mais vale tarde que nunca.—Quem não ama, não vive.—O perdão é a mais nobre e a mais completa das ringanças.

— Cincoenta annos e cincoenta contos!... não é o peor dos casos: um algarismo compensa o outro. Cabeça grisalha, mas coração moço. Ainda me conheço homem para tornar feliz a mulher que me accete e que me estime. Caso-me. E' tarde! murmura-me cá dentro uma voz, que pretende ser a da consciencia, mas que, eu bem percebo, é a da desconfiança, minha perseguição constante. Calle-se dahi, maldicta! Mais vale tarde que nunca, e não é tão tarde assim. Caso e caso! já o disse tres vezes, duas vezes mais do que se devem dizer as coisas resolvidas.

Este era o soliloquio do Antunes, na sua casa da rua do Rezende, uma manhã de domingo, depois da barba feita para a missa, deante da gazetilha do *Journal do Commercio*, onde se lia, em duas linhas, o fallecimento do dr. Medeiros.

Que tinha agora o fallecimento do dr. Medeiros com a resolução enérgica do Antunes? Queria a viuva? Quer, pode muito bem ser que a quizesse, lá no intimo recesso da alma, onde viviam ainda, em segredo tão austero que para elle proprio eram quasi inconscientes, antigas, antiquissimas lembranças, de vinte annos antes! Mas nem a si mesmo o confessava, e talvez nem discernisse que os sentimentos que lhe vinham generosos e o legitimo projecto de amparar a orphãu pobre eram perfumes daquella occulta flor, que tantos annos não marcharam.

La o Antunes pela altura dos trinta annos,—altura lavada em sol, festejada pelas nuvens da illusão,—quando, quasi a um tempo, conheceu e amou a bella Marianna, filha ambiciosa de uma hispanhola equivooca. Elle era, nessa epocha, o allênim da secretaria da agricultura, em gentileza e dotes pessoais, e muito viçoso de esperanças, pois tinha talento e cahia sempre em graça aos superiores, com os seus bons modos de rapaz sério. Mas Marianna puulha a mira muito acima de um empregado subalterno; preferiu-lhe o dr. Medeiros, seduzida pelo titulo e pelo futuro do titulo, que lhe parecia infallível e brilhante. Qual brilhante nem infallível! não dava, sequer, para a vida folgada que a preguicosa queria; no primeiro anno, comeram á fidalga uns restos de herança que sobejaram da formatura recente do medico; depois, como não veio a clientela, que era o manancial esperado, chegaram a ver o fundo do cofre e o chão duro da realidade; turvou-se a onda da vida clara, e lá foram esconder, nas sombras dum arrabalde modesto, o curso dos dias obscuros; entrou o tempo das longas esperas no consultorio vazio e dos grandes suspiros arrependidos na mesquinha sala de jantar, onde arrastava a costura, no calor da sesta, amodorrada pelo borborinho das moscas.

O Antunes tragou a preterição e, como não se retirou das relações de Marianna, soffiu também o que se mostrava das primeiras felicidades conjugaes do outro. Quando chegou para o casal a tristeza dos máus dias, amidou as visitas e afervorou-se na amizade. Mais de uma vez, quando a solidão do consultorio era completa, chegava-se á secretaria da agricultura antes de tomar o *omnibus* para casa—e o armazem da esquina, lá no arrabalde, não suspendia o fornecimento.

Uma occasião, uma unica—uma tarde inolvidável, em que ficaram a

sós na sala de visitas, enquanto o doutor ia acudir a uma congestão na visinhança, só essa vez chegou a haver entre elle e Marianna palavras de intenção mais profunda que o texto expresso.

Elle aconselhou meigamente que não casasse nunca,—era um desencanto amargo,—não era vida aquillo que levava. Retorquiu-lhe agitado e parvo, tão parvo que para lhe contestar só encontrou a razão de um prologoio:

— Não diga isso! A senhora é que vive. Quem não ama, não vive.

— O senhor não vive, então?... perguntou-lhe a moça, com o olhar mergulhado no delle.

Sentiu no coração um calor delicioso, mas conteve a expansão que ia romper: sorriu com tristeza e respondeu-lhe pausado e nobre:

— Paz aos mortos!... Pensa então que sou um miseravel?

Ella, escondendo nas mãos a face lacrymosa, soluçou com amargura:

— E' o mais nobre dos homens: vingasse perdoando!

Ergueu-se meio hallucinado de a ver chorar, ia levantar-lhe a cabeça, beijar-lhe as lagrymas, perder-se; mas, na sala silenciosa, á luz do lampeão pacifico, numa instantanea subversão do seu ser religioso, viu na amante a mãe proxima, cuja maternidade sagrada annunciava-se na amplitude do roupão desatado; tomou o chapéu, tomou-lhe a mão de sobre o rosto afogueado, apertou-lha francamente, com honrado desembaraço:

— Dê lembranças ao doutor. Eu hei de ser sempre o mesmo amigo.

Na rua, accommetteu-o outra vez a vertigem, sentia ainda na mão o voluptuoso calor da mão de Marianna, pensou em voltar—ora adeus! era ella a culpala!—, pensou depois em atirar-se ao mar, acabar a estúpida vida; mas lá foi machinalmente para casa, acalmou-se, dormiu, habituou-se e foi vivendo.

Viu nascer a filha da antiga namorada, a pequenina Lulú; viu-a crescer, brincava com ella, dava-lhe confeitos e joias; viu-a tornar-se moça e linda, mais do que a mãe tinha sido, duma grande formosura ingenua, de flor virgem.

Cumpria os dezoito annos sem accitar nenhum dos noivos que atralira; o pae queixava-se, alguns eram casamentos muito razoaveis, entre elles um dono de armarinho, quasi rico.

E agora morria-lhe o pae, pobre, até com dividas; que ia ser da triste?

Em mais de uma conferencia, nos ultimos tempos, o dr. Medeiros insinuava o seu desejo de a ver casada com Antunes, o amigo certo. Elle escusárase sempre, que já não estava em idade disso, que era abusar da affeição da menina. A mãe o approvava, mas com diverso fundamento: que a filha era uma tolinha, incapaz de lhe dar a felicidade rara no casamento, que elle escolhia tanto.

Mas agora, defuncto o medico, tendo de ser na sociedade o protector da viuva e da orphãu, parecia-lhe urgente, ao solteiro, legitimar com titulo mais respeitavel que o de amigo a sua posição juncto dellas. Tres mezes depois do soliloquio inicial deste conto, pediu a mão da Lulú. O pedido era uma generosidade, que a menina accitou sem escrupulo. Marianna hesitou, relictou, oppoz-se formalmente; por fim, não pôde deixar de ceder á necessidade fatal; cedeu, sem concordar. Extremos de mãe, que não queria sacrificar a mocidade da filha?... Deheadeza d'alma, antes zelosa da felicidade do antigo noivo?... Ciumes,

monstruosos ciumes da filha?... Tudo podia ser: tudo pôde ser no eterno mysterio do coração feminino.

II

Com teu amo não jagues as pernas

Em Petropolis, no hotel Bragança, fóra a lua de mel, a exigencia da Lulú e contra todo o gosto de Antunes, que preferia o ninho de amor em Sancta Theresza, a poucos passos de casa, na commodidade pedida pelos seus solidos annos de bom-senso.

Lua de mel nunca se viu tempestuosa e funesta para o noivo qual foi essa. A Lulú era perdida por bailes, e a alta sociedade de Petropolis naquella estação bailava quasi todas as noites. Quantos vestidos custosos, alem de tantos do enxoval! Nos dous mezes de licença, que tomara para o casamento, viu o empregado publico escoar-se o rico ordenado de muitos mezes, a economia de alguns annos. Precipitou-se, impellido e atordado, no sorvedouro da vida elegante.

Nem era só a bolsa que soffria e com ella a prudencia do burguez economico; era o coração também, o velho e bom coração, que logo e logo se desilludiu para sempre. A mulher deixava-o, com o mantelete, na antesala, e não se lembrava mais d'elle; e, a bem dizer, na alta classe era ella quem tinha entrada, com a belleza fascinante que dispensava outros titulos; elle ficava á porta, obscuro e humilde, a vê-la passar dos braços dum aos braços doutro, com desgarrro que accendia o olhar cubicoso dos homens e mais de um maligno sorriso entre as mulheres; e o desgraçado sentia toda aquella injúria calir-lhe, gottas de sal, na timidez do coração.

Entre os hospedes do Bragança estava um rapaz de familia poderosa, o qual, depois de bacharel, fora a Pariz fazer o seu estagio e logo ao voltar achára, na gaveta de pae, um diploma de deputado; com poucos mezes de camara, numa reorganisação de gabinete, coubera-lhe a pasta do Imperio. Era, aquelle anno, o triumphador de Petropolis, saciado de homenagens.

Uma noite, deu escandalo com a Lulú; valsou com ella muitas vezes a fio, com insistencia atrevida, com phrenesis de satyro possesso; na ultima valsa, o corpo da moça abandonou-se num deliquio sobre o peito d'elle. O marido foi recebê-la dos braços do cavalheiro, recobrada mas ainda vacillante.

— Desmaio, mesmo? ouviu cochichar a um lado, com escarneio.

— Ou descarol opinou a meia voz uma velha viscondessa, que estava para ser sogra do ministro.

Essa noite, nos seus aposentos, onde a Lulú já se declarava, como sempre, morta de somno, Antunes perguntou-lhe, com amargura, se não era tempo de voltarem para a Corte.

— E' tempo, édisse-lhe a mulher com despreço; já lhe estou custando muito caro.

Quiz acalmá-la com brandura; a licença estava a esgotar-se, precisava voltar; tinham alguma coisa de seu, mas não que bastasse para a independencia; não fallava por si, que era velho e acostumado á parcimonia, mas por ella mesma, a bem do seu futuro. E a coitada da mamãe, que escrevia sempre, já não podia com as saudades, chamava-os para casa, para a sua bonita casinha arranjada de novo.

A volta foi triste; a Lulú vinha intractavel; era o pino do verão, o auge da estação em Petropolis, e lá ia para a fornalha da Corte e para o tédio da casa. Que mesquinha sorte lhe cou-

bera! porque não havia de ser casada com o ministro, distincto moço, alegre sanguineo, digno, esse, da fortuna de a possuir? E o seu destino a vendera àquelle burguez decrépito, encolhido para alli, macilento das noites mal dormidas, sommando talvez, no bestuno riscado ás linhas vermelhas, as centenas de mil réis que lhe custára o passeio!

Mulheres! mulheres! entenda-as quem puder! pois não é que Marianna fez cara de riso ao vê-las voltar amaldiçoadas? O riso tinha ainda a graça outonal, o sabor e o cálido perfume do pomo sazonado; não tinha, Antunes?

Semanas depois, houve em casa alegria mais geral; Antunes fora promovido a um dos primeiros logares da sua repartição; tinha merecimento proprio, ninguém dizia o contrario, mas o ultimo accesso era ainda tão recente! Também, para alguma coisa ha de prestar a intimidade dum ministro, e o Sr. ministro do Imperio honrava com a sua familiaridade gloriosa o cidadão Antunes; chegava ao extremo captivante de lhe aceitar o chá, uma ou outra noite.

Foi por esse tempo que a mulher do ministro, uma idiotasinha muito boa pessoa, convidou a Lulú para uns quinze dias em Petropolis; como recusar o favor de semelhante companhia? A Lulú foi, mas só; o marido ficou preso por uma commissão rendosa, para a qual, coincidentemente, o requisitára o ministro do Imperio.

O diabo é que o *Corsario* não dormia; ali veio, sobre a commissão e o passeio a Petropolis, uma dura remessa á testa do empregado publico. Expunha minuciosidades boccacianas, quadros dum colorido mythologico, em gabinetes particulares e até—o requinte de lascívia burocratica!—em aposentos reservados da propria secretaria ministerial. «Para ficar bem certo que é a amante *official*», commentava o paquim. E rematava neste teor: «Mas que ha de fazer o pobre diabo do responsavel editor, se é empregado demissivel e a avareza lhe repete ao ouvido o conselho do servilismo: *Com teu amor não jogues as peras?*»

III

Donde não se espera, d'ahi é que vem... — Casamento e mortalha no céu se talha...

Antunes leu o *Corsario*, ao sahir da repartição, e teve uma surpresa quasi fulminante. Como! pois não sabia? Não, não sabia. Voltou em tilbury para casa, onde a sogra ficára a tomar conta durante a ausencia da filha, e não encontrou felizmente ninguém até metter-se no escriptorio, onde desatou a chorar como uma criança, com o rosto cahido nos braços cruzados sobre a mesa. Assim esteve horas; anoiteceu; não tinha animo nem para mudar de attitude, num desfallecimento total d'alma e corpo, que já lhe ia parecendo a atonia da morte; mas sentiu que entrava alguém, de manso, e trancava por dentro a porta; ergueu a face desfeita; Marianna estava deante d'elle, com uma ternura inexprimivel no semblante. Pousou na mesa o castiçal que trazia, veio para mais perto d'elle, poz-lhe no hombro a mão levemente trémula.

— Julga-se muito desgraçado? inquiriu com avelludada meiguice, numa voz que elle nunca mais lhe ouvira, desde muito, desde o passado.

— Ah! diga-me! pois eu merecia isto? exclamou com lagrymas o infeliz.

— Merecia, volvem-lhe ella, com um brilho estranho nos olhos; e, pondo-se deante d'elle, num borbotão de phrase tumultuosa, como uma reprêsa que

rebenta:—pois não sabia que era eu quem o amava, que o amei vinte annos, com desespero e com martyrio? Não viu, não comprehendeu, homem cruel e cego, que foi o remorso de o haver desconhecido que me subverteu a vida toda, e esterilizou-me para o amor a entranha materna, onde só a inconsciencia dos primeiros dias gerou a mulher que é hoje sua? E quando me vi outra vez livre pela virgez, livre para ser sua segundo a sociedade, achou-me velha, não é assim, e não viu que os seus cincoenta annos já não lhe permitiam por esposa a criança que escolheu?! Ah! deixei que que o fizesse, e sabia que o seu castigo era certo! Acha que sou um monstro? Ainda não sabe até que ponto o sou: essa rapariga que é sua mulher, e que nasceu de mim por uma brutalidade da natureza, é filha de minha carne, não do meu amor: é filha do outro!... não a amei nunca; depois que se casou com ella, odeio-a como uma rival! ahi está. Odeio-a em silencio... espreitando-a... impellido-a para os desvios do seu coração, que eu não formei para a virtude; perdeu-se, havia de perder-se, fui eu que assim o quiz, para ganhar-lhe o marido, para o reconquistar, que devia ser meu! Não o esperava demin, não? Pois sou como lhe digo; faça agora o que entender; bem vê que devo ter previsto tudo, eu que ha vinte annos aguardava este momento!

Callou-se, offegante. Antunes ouviu-a mudo e attonito. Não era então um sonho? não era uma loucura do cerebro fulminado?! Não: ali estava deante d'elle a unica mulher que verdadeiramente amára, que não deixára de amar nunca, via-o agora bem claro; ali estava na magnifica belleza da paixão, descobrindo para elle, em plena luz, a alma arlente, com abysmos de ternura no gesto humilde de corça vencida.

Levantou-se de um impeto, estreitou-a nos braços, beijando-a doidamente, na bocca, no pescoco, no cabello...

Quando pôde fallar, disse-lhe toda a verdade, obscura até então para a sua propria consciencia: que so, por uma timidez estúpida não se atrevêra a pedir-a por esposa; que também não a comprehendêra bastante, posto que a tivesse amado sempre, ou talvez por isso mesmo. Mas, agora?... era horrivel! Que haviam de fazer agora?...

Quando a Lulú regressou de Petropolis, apeando do carro do ministro á porta de casa, achou-se em frente só da criada, a qual, sem mais prologo, lhe foi mettendo nos ouvidos toda a historia: a Sra. d. Marianna sahira, numa madrugada, com o Sr. Antunes, e o criado, que os acompanhou com as malas, apenas sabia dizer que tinham embarcado para bordo de um paquete.

A Lulú teve um momento de agudo espanto; depois, lentamente, veio vindo á realidade, percorreu as salas e o seu quarto, onde nada faltava, excepto o retrato do marido, á cabeceira do leito; por ultimo, sorriu com perversidade, e disse para as rendas do seu cortinado branco:

— Ainda fica-me a casa e a minha mocidade—e as minhas relações. Deus é grande!

Quando a noticia do desaparecimento espalhou-se e chegou á imprensa, Lulú Senior, da *Gazeta de Noticias*, teve um frouxo de riso:

— Raptar a sogra!... ora o diabo não tem sono!

Mas o *Corsario* voltou á maroteira e disse que, na primeira conferencia de ministros, *alguem* estendeu ao do Imperio um exemplar da folha com o artigo assignalado á margem por traços vermelhos do *lapis fatidico*.

O ministro entendeu e adietou-se; rompeu absolutamente com a Lulú; indo-lhe a moça á casa, voltou despedida do vestibulo; teve ainda a temeridade de o procurar na propria secretaria, mas alli a ameaçaram com cadeia e parece que até com deportação, se se atrevesse a comprometter pessoas de tão alta esphera.

Então, uma manhã, noticiaram os jornaes que a ambiciosa fora procurar ministros ao outro mundo, ingerindo phosphoro em dose elevada.

O *Apostolo* poz os olhos, e na esmerada noticia do caso, em estylo sacerdotal, unctuoso e espesso, discreteando acerca dos «infortunios do desigual matrimonio e suicidio da joven peccadora», lá embutiui a *chapa fatalista*:

Casamento e mortalha no céu se talha.

CONCURRENTE N. O.

Vantagens dos assignantes d'«A SEMANA»

Além dos premios respectivos, têm os Srs. assignantes as seguintes vantagens, não proporcionadas ainda por nenhum jornal:—Tem direito á inserção gratuita de qualquer annuncio ou reclamacao que não exceda de tres linhas, uma vez por mez.

—Além d'isso,—e esta é a principal vantagem,—tem qualquer dos Srs. assignantes o direito de consultar a folha, por carta assignada, uma vez por mez, sobre qualquer questão, duvida ou emergencia juridica, medica, commercial, litteraria ou de qualquer natureza, que se revista de character serio, e cujo objecto for importante. Obrigase a relacao a responder-lhes por carta nos casos de urgencia, e pela folha nos outros. Para esse fim tem a folha advogados, medicos, commerciantes, em summa:—pessoas competentes, encarregadas de responder a todas as consultas, assumindo a responsabilidade dos seus conselhos. Outrosim promptifica-se a folha a ministrar aos Srs. assignantes todas as informações de que necessitarem. Este serviço, a que tem direito os Srs. assignantes, e igualmente gratuito. **A SEMANA** é o primeiro jornal que o apresenta no Brazil.

N. B.—Todas as consultas devem vir acompanhadas do respectivo sello, ou da sua importancia, para a resposta.

SPORT

Realisa amanhã o *Hippodromo Guanabara* uma das suas melhores corridas, constando de um excellent programma, em que se acham inscriptos muitos animaes e todos elles muito bons. Fazemos votos para que o tempo não interrompa a execução d'esse programma e que reine a boa ordem durante o divertimento.

No 1º pareo acham-se inscriptos onze animaes; d'esses os melhores são *Savana*, *Conde*, *Eucharis* e *Barbara*. Onde palpitam com um tiro de 800 metros? Ainda pela *Eucharis*.

No 2º pareo, 10 0 metros, ganhará *Nicoafi* ou *Druid*?

No 3º, 1800 metros, um dos melhores pareos, que deveria ser ganho por *Naná*, esta retirou-se, e assim *Sophira* deve ganhar.

No 4.º pareo, 1450 metros, palpito em *Boyardo*, apesar que *Druid* sempre é melhor da segunda vez.

No 5.º pareo, amadores, 1000 metros, ganha com certeza e esbarrado o *Sirodio*, por ser montado por um amador que não é de brincadeiras.

No 6.º pareo, 1000 metros, entre *Gazida* e *Diomede*? Escolham o que quizerem.

Finalmente chegamos ao ultimo pareo, 1450 metros; ainda a valente *Eucharis* vae mostrar a *Savana* que tem pernas e proprietario... Nada de conversas.

Desejamos a felicidade de todos aquelles que, seguindo esses palpites, voltem satisfeitos e bem divertidos, visto sempre acertarmos.

L. M. BASTOS.

THEATROS

LUCINDA

Antehontem foi representada pela companhia Braga Junior, pela primeira vez nesta Corte, a popularissima opera-comica—*Os Sinos de Corneville*.

Enchente real.

Dir-se-ia que o publico estava com saudades dos Sinos, mas é de acreditar que o unico movel de tal enchente fosse a grande curiosidade de ver o papel de *tio Gaspar* desempenhado pelo actor Gama, que, conforme o annuncio da empresa, alcançara em Portugal grandes triumphos nesse papel.

A impressão que nos deixou o actor Gama foi das mais lisongeiros, com quanto não houvesse podido rivalisar com o Guilherme de Aguiar, unico que até hoje tem feito este papel a contento geral.

Não queremos dizer com isso que o *tio Gaspar* seja um grande papel; pelo contrario: é um papel feito. Qualquer actor de talento pode desempenhalo acceitavelmente; mas é por isso mesmo que admiramos, e com rasão, o realce que lhe foi dado pelo grande actor Guilherme de Aguiar. Gama tem contra si duas grandes desvantagens:—voz dura, rouquenha, sem modalidades, de poucas inflexões, e physionomia de pouca mobilidade. Ora o papel de *tio Gaspar* exige essas duas grandes qualidades artisticas em alto grão.

Villiot foi uma *Germana* ainda melhor que a de outr'ora, se é possível.

Herminia foi bem no seu papel de *Rozalina*, com quanto o exaggerasse um pouco e dissesse umas tantas *liberdades* que não estavam no papel.

Oyanguren (que nome!) deu-nos um *Gastão* muito... muito... enfim: muito.

Peixoto, já se sabe não fez peixotadas no seu *Bailio*; o mesmo não podemos dizer do actor Colás, no *Nicolau*, que esteve muito caipora.

Os outros artistas fizeram o que estavam em suas forças para realce dos seus papeis.

Da *Mulher-Homem* damos hoje o seguinte trecho do primeiro quadro do primeiro acto:

«OS CANDIDATOS

Respeitaveis eleitores!...

CANDIDATO LIBERAL

Liberaes!

CANDIDATO CONSERVADOR

Conservadores!

OS CANDIDATOS

Eis a nossa circular:

Salvar o paiz do abysmo,

Perseguir o filhotismo

E o subsidio abiscoitar.
Sendo todos democreatas,
Somos abolicionistas
E somos escravocratas,
Porém nunca esclavagistas!
Rigorosa economia
Na dinheirama do Estado,
Pois só tem um deputado
Cincoenta mil reis por dia:
Só de hotel doze mil reis,
Bebedorias, cigarros,
Charutos, bondes e carros:
Pelo menos dezeseis;
Dois vintens para a *Gazeta*,
Um tostão para o *Jornal*;
Calando a verba secreta
Por modestia e por moral;
Roupa lavada e engomada:
Dois mil e quinhentos; sellos,
Barba e corte de cabellos,
Pomada, muita pomada!
Trinta mil reis ou quarenta.
Por tanto é pouco cincoenta
Pra o paiz representar.
Concluindo, pois, diremos:
O que primeiro faremos
E' o subsidio augmentar.»

Ensaia-se no *Recreio* a hilariante comedia de H. Raymond e J. de Gastyne—*Les petites voisines*; traducção de Figueiredo Coimbra. Subirá a scena no dia 22 do corrente.

P. TALMA.

TRATOS Á BOLA

E' em verso que vou fallar-vos.
Tratistas da actualidade,
Que nada tendes de parvos
E broncos, valha a verdade.

E hei de o t'pete suar para em metros
Diversos, dizer-vos os meus sentimentos,
Saudando-v'istodos, e som dos meus plectros
No anno que surge, com chuvas e ventos.

Victor. Odivo, Fricival Vassico,
Pépe, seu Niro, Josephina B.,
Manoel das Malgas, Alfonsina Souza,
E tal e cousas, Eugenio P. C..

E mais Guayajara,
X. Toso. Conrado,
O' gente proclara,
Exercita amado,

Atenção, meus amigos sympathicos,
Vou soltar o meu verbo caonico,
E vos dai logogryphos emphaticos,
Mas num rythmo, que é esplendido, euphoni-
co.

Quem tem luzidias.
Eu quero ver,
Garrafas vazias
Para vender.

Gente amada,
Boa gente,
Na tratada
Mette o dente.

Mas antes quero alegre um forte shak-hands,
Dar-vos, amigos meus, num rasgo estapa-
furdio,
E atirarvos depois ao ouvido, ó grandes
Paladins da charada, o logogrypho esturdio,

E a bella charadaneia,
Que e sempre dou de sobra,
Que decifraes com aucia
Enthusiasmo e fervor, agora la vae obra:

PARENTHESIS

(Antes de logogryphonetisar-vos os ouvidos já de ha muito afeiçãoados ás cousas enygmaticas não posso deixar de declarar, com aquella graça que me distingue dos demais collegas tão bisonhos e insulsos quanto tonsurados e obesos, quaes as pessoas que decifraram as charadas ultimas.

Foram ellas os benemeritos devotos:

1.º o Sr. Pépe e 2.º o Sr. Frissinal Vassico.

As decifrações são as seguintes:

Do logogrypho: *Guerra Junqueiro*.

Das novissimas: — 1.ª *Procellaria*.

« — 2.ª *Novidade*,

« — 3.ª *Januario*.

Da charada logogrypho: — *Valentes paladinos portugueses*.

Como tivesse sahido erra-lo o enyigma alphabetico (pois em vez de adverbio, como estava declarado abaixo, o que se devia formar era um proverbio) deixo de dar aqui a sua decifração e passo a reproduzil-o correctamente.

MICROSCOPICA

— Pa—o —

5

Elle veio donde eu vim;
Por isso amo esse maráu.

ACTUAES

Pertenço ao... — 2 — Sou de barro,
— 1 — na musica, — das casas. Tenho
9 letras e 4 syllabas: transparente.

BISADA

3—E' amigo dos velhos; repare: tem

— ba —

2—Empregue-lhe giz que trabalhará.

BENEDICTINAS

I

3—E' droga. Mate o gato e a pata.

II

3—Tem boca. A lata ao pagem e piro.

ENYGMA ALPHABETICO

A	C	D	E	I	M	N	O	P
1	1	2	4	1	3	1	4	2
G R T U								
1 2 3 3								

Formar um proverbio com as letras acima, repetidas tantas vezes quantas os algarismos designam.

LOGOGRYPHO

Pois não se vê que isto é tinta, 11, 1, 2.
Seja embora um mão irmão? 1, 2, 4, 5.
Todos o desejam, todos, 11, 10, 9, 8.
Este peccado turrão. 10, 9, 2,
Que é typo desengraçado,
Ninguém duvide, ninguém! 7, 8, 9, 6, 2.
Se elle aqui se metta, viva!
Fica escondido mui bem. 3, 8, 1, 2.

O pobre

Cobre

E cobre o nobre.

INVERTIDA

2—Esta fita, ao avesso é esperta.

ANTIGA

Esta palavra vasia,
Não tem forma verdadeira.—1.
Quem passa a noite em vigia—2.
Leva sempre a dianteira.

PREMIOS

Aos 2 primeiros decifradores dois magnificos premios.

FREI ANTONIO.

FACTOS E NOTÍCIAS

O «CORREIO DE CAMPINAS»

Completo no dia 1 do corrente o seu primeiro anno de existencia aquelle excellente diario publicado em Campinas sob a direcção de Henrique de Barcellos. E' este um nome já laureado nas lides do nosso jornalismo provinciano e que no da Corte occuparia um logar de honra. A maneira porque tem redigido e orientado o *Correio* é um documento valiosissimo dos seus provados talentos e da sua variada illustração. Sob o pseudonymo *Hendebat* escreve diariamente no *Correio* um artigo de critica litteraria, politica, artistica ou de costumes, e sempre com grande elevação de vistas e fino espirito de observação, aliado a um estylo despretencioso, nitido e scintillante.

No artigo de fundo do dia 1 lê-se o seguinte:

«Compulsando a collecção d'esta folha do anno de 1885, verificamos que só deixou de sahir artigo editorial em tres numeros, em consequencia de nos vermos na necessidade occasional de publicar projectos de lei.

Não se imagina o esforço preciso para dar um jornal n'estas condições em uma terra como Campinas, onde é diminuto o movimento social.

Nisso só, revela-se a prova mais patente de quanto nos esforçamos para collocar o *Correio de Campinas* a par dos nossos mais acreditados collegas da provincia.»

... e da Corte; podemos accrescentar sem benevolencia.

Felicitemos Henrique de Barcellos, saudando cordialmente o *Correio de Campinas* pelo seu primeiro anniversario.

O Sr. Lourenço Ferrelra, um rapaz intelligente e trabalhador, levou, com a paciencia de um chim, a fabricar pelo espaço de cinco annos um objecto que sendo uma cadeira, fosse tambem mesa, cama, lavatorio, conversadeira, baraca, escrivania etc.

Uma coisa impossivel! dirá o leitor.. Pois não é; o Sr. Lourenço levou a effeito a sua ideia, e no dia 5 do corrente convidou-nos para assistir á inauguração d'esse maravilhoso traste, que é uma *cadeira-mobília*.

Ficamos admirados, admiradissimos! Parabens, Sr. Lourenço Ferreira, muitos parabens.

Acha-se felizmente melhor dos seus graves incommodos de saúde a sympathica maestrina D. Francisca Gonzaga.

A *Gazeta de Noticias* vae publicar no dia 20 do corrente o seu segundo supplemento litterario. O primeiro, publicado no dia de anno bom, foi uma bella surpresa.

Tem a *Gazeta* todos os elementos para brindar frequentemente os seus muitissimos leitores com supplementos litterarios de primeira ordem. Damos á *Gazeta*, damos-nos tambem a nós sinceros parabens por este importante melhoramento por ella introduzido na imprensa da Corte, tão poucodada a cousas de arte e litteratura.

Entrou para a redacção d' *O Paiz* o nosso estimado collaborador Urbano Duarte. Jornalista fecundo, criterioso e de finissimo espirito, o ex-redactor do *Globo* é um auxiliar precioso em uma redacção. Felicitemos sincera e cordialmente *O Paiz*.

OS IRMÃOS DE JOSÉ CASTILHO

Poucas informações pudemos colher. De um parente da infeliz criança sabemos que ella tinha cinco ou seis irmãos, que estes residem no Realengo, em um logar denominado *Macaco* e em condições mais que precarias. Esperamos poder no proximo numero informar completamente a tal respeito os nossos leitores.

CORREIO

— Sr. *Tranquillo Vellozo*. Na sobre-capa dos seus «Dez contos» lê-se isto: *Questões a premio*. Que quer dizer isto? *A Semana* não tem presentemente nenhuma questão a premio. Serão para o concurso de contos os seus «dez» ditos? Em tal caso não poderá ser aceite o seu trabalho porque occupa sete tiras escriptas de ambos os lados, quer dizer: quatorze tiras; o que excede no dobro o maximo por nos estabelecido.

RECEBEMOS

- *O Zugui*, n. 4.
- *L'Etoile du Sud* n. 81. Reapparece depois de uma longa interrupção, occasionada pela enfermidade do seu director. Publicar-se-á quinzenalmente. Este numero está variado e magnifico. Cumprimentamos o seu illustrado director.
- *Echo das Damas* n. 3. Muito bom.
- *O Domingo*, n. 16. Digno de leitura, como os demais numeros.
- D'esta vez, alem de varios e scintillantes artigos, dá-nos um bello soneto firmado por Jorge Rodrigues.
- *O Gaturamo*, n. 9.
- Do Dr. *Francisco Viveiros* a sua these apresentada á Faculdade de Medicina. Versa sobre *Symptomas psychicos da ataxia locomotora, suas cousas e sua pathogenia*.
- Do Dr. *Maximiano de Lemos*, a sua these apresentada á Faculdade de Medicina. Versa sobre *Estudo clinico das boubas*.
- Do Dr. *Manoel A. Gonçalves Bastos*, a sua these apresentada á Faculdade de Medicina Versa sobre o *Aborto*.
- *The Graduated English Reader*; esrada suave para o perfeito conhecimento da lingua ingleza, por James Hewitt.
- *Presente de Festas*. E' este o titulo de uma polka do Sr. Julio Reis. Vamos dançal-a, pois o nosso maestro tocou-a no seu piano e disse-nos que era saltitante.
- *Almanach das Horas Romanticas*, para 1886. Tem boas anedoctas, boas pilherias, boas estampas e poucas poesias boas. Para o anno traga-nos versos melhores. E' o que desejamos.
- *O Cherubim*, n. 17. Delicado e mimoso, este numero. Parabens aos seus re-lactores.
- *Le Sud-Américain*, n. 27. Como sempre muito variado e criterioso.
- Um prospecto d' *O Seculo* revista polytechnica que apparecerá brevemente.
- Dos Srs. *Fernandes Ribeiro & C.*, duas bellas folhinhas de desfolhar:—uma enorme, singella, de ver a meia legoa de distancia, outra em forma de leque, com calendario, muito *chic*.
- Do cirurgião-dentista *Alcibiades*, inventor da *Alcibiadina*,—magníficos pos dentrillcios,—um pequeno calendario de algibeira.
- *O Mequetrefe*, n. 395. Triz na pagina de honra um bom retrato de Quintino Bocayuva, nas paginas centraes uma allegoria do anno novo e na ultima uma *réclame* illustrada da *Mulher-Homem*, com os retratos do empesario e dos auctores.
- *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasciculos ns. 16, 17.
- *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, ns. 116 e 119.
- *Cadastro da Policia*, fasciculo n. 43.
- *Revue Politique et litteraire*, ns. 22 e 23, de 28 de Novembro e 5 de Dezembro; distribuida pela importante casa *Au Petit Journal*.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez
— Professor Rodolpho Porciuncula. Recal-os nesta folha.

COLLEGIO MENEZES VIEIRA

Jardim de crianças—Curso primario

SECÇÃO DE PREPARATORIOS

Hoje abre-se a matricula geral para o 12º anno lectivo, cujos trabalhos devem começar segunda-feira 11 do corrente.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

PROSPECTO

DO

ALMANACH MUSICAL

Da Corte e das provincias da Bahia, Pernambuco, Ceará, etc.

Honrado com a photographia de S. A. a Serenissima Princesa Imperial, muito distincta amadora e protectora da arte em nosso paiz.

Contendo todos os nomes e residencias de todos os maestros e regentes de orchestras e concertistas, artistas-cantores, theatros, egrejas, coristas, sociedades musicas, clubs, etc., etc. Com o horario das aulas do Imperial Conservatorio de Musica e seu respectivo pessoal. Oruado de bellas poesias, anedoctas, contos e uma interessante parte litteraria collaborada por distinctos escriptores. Com o numero e rua dos estabelecimentos de musica, casas de concertos, de instrumentos, afinadores de piano, gravadores, impressores de musica, copistas e tudo, enfim, que diz respeito á arte musical.

Grande lista dos distinctos amadores que têm tomado parte em concertos, nesta Corte. Noticias das operas dos maestros brasileiros e das obras musicas da Bibliotheca Nacional

POR

DOMINGOS MACHADO

Recebem-se assignaturas e annuncios.
Annuncios 1 pagina..... 58000
» 1/2 » 38000

O auctor deste almanach, não podendo ir pessoalmente á residencia de todas as distinctas amadoras, pede a graça de remetterem á rua do Hospicio n. 103 seus nomes e todos os dados para serem incluzos no mesmo almanach.

THEATRO SANT'ANNA

EMPRESA HELLER

TERÇA-FEIRA, 12 DE JANEIRO DE 1886

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

DA GRANDE REVISTA COMICO-PHANTASTICA DOS ACONTECIMENTOS DE 1885

A MULHER-HOMEM

Original de Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida; em um prologo, 3 actos e 14 quadros, ornada de musica dos conhecidos e compositores D. Francisca Gonzaga, maestros cavalheiros Henrique Alves de Mesquita, Carlos Cavalier, Mignel Cardoso e do Sr. Henrique de Magalhães.

PERSONAGENS

Opinião Publica.....	Sr. Vasques.	Um espectador, 2º Su-	A actriz Duse.....	Mlle. Rose Moryss
Diogenes.....	Sr. G. de Aguiar.	geito, 3º Municipal e	A Gazeta de Noticias.....	Mme. Delmary.
Rei Carapetão 1882.....	Sr. Foito.	Tenor da Companhia	A Sciencia e A Gazeta da	
Abolicionismo.....	Sr. Phebo.	Lyrica.....	Tarde.....	D. Isabel Porto.
Reporter e Dr. Cajiro....	Sr. Mattos.	O Suicidio, Um continuo,	A Pintura, A Grammatica	
O Theatro, Joaquim Maria,		Conselheiro João Ar-	Portugueza e a 28(placa)	D. M. Caminha.
O Cavaignac e 1º hortali-		thur, 2º Deputado, Um	A Policia, Um redactor	
ceiro.....	Sr. Areias.	doutor, Malagueta, B-	d'A Semana e A Vespa...	Mlle.M.Picherron
Chefe conservador, 1º Me-		rao de Caiapoeira e O	A Musica, Um sujeito,	
dico e 1º Sugeito.....	Sr. Lisboa.	empresario Jacintho...	O Diario de Noticias, A lei	
A Poesia, Chefe liberal,		O Vicio, Dr. Francez Fi-	de 28 e Um banhista...	D. Athayde.
Um redactor da Gazeta,		lho, 3º Sugeito, O Meq-	A Verdade, 2º Eleitor, 3º	
Dr.Mastro e Alferez Ubá	Sr. Pinto.	treffe, 3º Municipal e 1º	Vendedor de bilhetes,	
Centro Positivista, Candi-		Mineiro.....	A Folha Nova e Mulatinha	
dato conservador,Pinto		O commercio, 1º capanga	do varoço.....	D. Eufrazia.
Morreira, O Paiz, 1º Mu-		e Um policial.....	A Lavoura, 2º Vendedor	
nicipal e Zé Dias.....	Sr. Mesquita	1º Esculapio, 2º Pintor e	d. bilhetes.....	D. T. Santos.
O actor Andó.....	Sr. Polero.	3º Medico.....	A Esculptura e L'Avenir du	
O crime, 1º eleitor, Um		2º Esculapio, Um depu-	Brazil.....	Mme Solange.
conselheiro, Diario do		tado e O Diario Portuguez	Uma Illusão e A Vanguarda	D. Geralda.
Brazil, Um barraqueiro		O Patriotismo.....	1º Vendedor de bilhetes	
e Mme Manzaroni.....	Sr. Maclado.	Um Homem do Povo....	e A Estação.....	D. R. Bergmann.
Maranhã-mór, O Tempo,		2º Mineiro.....	Le Sud-Americain.....	D. Auéle.
Candidato liberal, 1º		Rainha Caraminhola....	La Voce del Popolo.....	D. R. Santos.
Pintor, 2º Municipal e		Imprensa.....	L'Italia.....	D. Theres.
Actor nacional.....	Sr. Silva.	A Pilheria e A Semana....	A Revista Illustrada.....	Um Menino.
2º Capanga e O orçamento	Sr. Cesar.			

Petas, Mentiras, Illusões, Araras, Logros; o Credito, o Cambio, a Industria, a Religião, a Inmigração; jornaas: O Brazil, O Apostolo, A Distracção, a Gazeta Suburbana, The Rio News, Deutsch Zeitung, Programma Avisador; povo, pretos velhos, hortaliçeiros, bahistas, bahianas, eleitores, capangas, policiaes, manifestantes, urubás, inlios Coroados, etc., etc.

TITULOS DOS QUADROS E DESCRIÇÃO DOS SCENARIOS

PROLOGO

1º QUADRO.—**Quinze annos de somno.** O reino da Carapetonia, paiz phantastico; deslumbrante scenario do distincto scenographo italiano Sr. CARRANCINI.

2º QUADRO.—**A Partida,** fundo entre nuvens, o balão Santa Maria de Belem; do mesmo Sr. CARRANCINI.

ACTO I

3º QUADRO.—**As Eleições.** Trecho da rua do Sacramento. Scenographia do Sr. CARRANCINI.

4º QUADRO.—**As Manifestações.** Trecho da rua do Ouvidor, de dia; do distincto scenographo Sr. COLIVA.

5º QUADRO.—**A Caridade.** O grande bando precatorio, esmolando em favor das victimas dos terremotos da Hespanha. Trabalho do Sr. CARRANCINI.

ACTO II

6º QUADRO.—**Uma visita real.** Templo da Imprensa. Trabalho do distincto scenographo Sr. FREDERICO DE BARROS.

7º QUADRO.—**Virar casacas!** Outro trecho da rua do Ouvidor, á noite, terminando com um grande incendio ao fundo. Trabalho do distincto scenographo Sr. COLIVA.

8º QUADRO.—**Salva! Salva!** O mesmo scenario do quadro 6.º

9º QUADRO.—**Gloria ao genio!** Esplendida apothese a Victor Hugo. O Arco do Triumpho, de Pariz, na occasião da exposiãõ do corpo do grande poeta, copiado fielmente das photographias francezas. Trabalho feito com todo o capricho pelo Sr. COLIVA.

ACTO III

10º QUADRO.—**O Poder das nabijas.** Praça das Marinhas, copiada com a maxima exactidãõ pelo Sr. FREDERICO DE BARROS.

11º QUADRO.—**O Rei-Palhaço.** O palco do theatro S. Pedro de Alcantara. Scenario do Sr. CARRANCINI.

12º QUADRO.—**Sagração de um artista.** Uma sala da Academia das Bellas-Artes; lindissimo quadro vido.

13º QUADRO.—**A Emboscada.** Parte do Parque da Acclamação; ao fundo a cascata. Trabalho do Sr. FREDERICO DE BARROS.

14º QUADRO.—**O rapto da Opinião.** Esplendorosa apothese. Magnifico trabalho do Sr. CARRANCINI.